

JHUMPA LAHIRI: MULHER TRADUZIDA, ESCRITORA ITALIANA

JHUMPA LAHIRI: TRANSLATED WOMAN, ITALIAN WRITER

Ana Maria Chiarini
Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Resumo: Jhumpa Lahiri, que obteve sucesso e prestígio escrevendo romances e contos sobre a experiência de indianos e seus descendentes nos Estados Unidos, fez sua primeira experiência de escritora em língua italiana com *In altre parole*, no ano de 2015. A esse volume composto de textos curtos – relatos pessoais de sua aprendizagem do italiano –, vieram se somar um outro volume sobre as capas de livros, *Il vestito dei libri*, e *Dove mi trovo*, um romance. Este trabalho se propõe a traçar algumas considerações sobre a relação de Lahiri, escritora deslocada e mulher traduzida, com as línguas inglesa e italiana à luz de textos que tematizam questões referentes ao trânsito e à diáspora no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Jhumpa Lahiri; Língua italiana; Diáspora

Abstract: Jhumpa Lahiri has achieved success and prestige by writing novels and short stories about the Indian-American experience in the United States. In 2015 the author debuted as an Italian language writer with *In altre parole*, a series of reflections on her process of Italian language learning. Since then she has published *Il vestito dei libri*, a small volume exploring the topic of book covers, and a novel, *Dove mi trovo*. This paper proposes to draw some considerations on the relationship that Jhumpa Lahiri, a displaced writer and translated woman, established with English and Italian languages in the light of texts that thematize issues about transit and diaspora in the contemporary world.

Keywords: Jhumpa Lahiri; Italian language; Diaspora

Jhumpa Lahiri nasceu na Inglaterra, é filha de pais indianos, mas viveu desde a infância nos Estados Unidos, país que lhe trouxe fama internacional já no início de sua carreira literária, em 1999. Os temas de suas narrativas, até o ano de 2013, sempre contemplaram o trânsito na contemporaneidade, encenado por migrantes e pela segunda geração desses migrantes, da qual ela faz parte: indianos e indianas nascidos na Índia e vivendo nos Estados Unidos, ou estadunidenses de origem indiana em viagem na Índia ou no mundo; em outras palavras, sujeitos móveis ou em contato com a experiência da mobilidade. Lahiri estudou literatura inglesa e comparada na universidade, vindo a se dedicar, no doutorado, à influência da arquitetura italiana na dramaturgia inglesa do século XVII, o que a levou a Florença e acabou por desencadear uma relação toda especial com a língua italiana.

Eu escuto. O que ouço nas lojas, nos restaurantes, me desperta uma reação instântânea, intensa, paradoxal. O italiano parece já estar dentro de mim e, ao mesmo tempo, é totalmente exterior. Não parece, ainda que eu saiba que é, uma língua estrangeira. E, por mais que isso possa soar estranho, parece familiar. Reconheço algo, embora não entenda quase nada. [...]

Não tenho uma necessidade real de conhecer esta língua. Não moro na Itália, não tenho amigos italianos. Só tenho o desejo. Mas, afinal, um desejo nada mais é do que uma necessidade louca. Assim como em tantas relações passionais, o meu encantamento irá se transformar em uma devoção, uma obsessão. Sempre haverá algo de desequilibrado, de não-correspondido. Eu me apaixonei, mas o que eu amo continua indiferente. A língua nunca irá precisar de mim. (LAHIRI, 2015, p. 22-23)¹

A partir dessa viagem a Florença, Lahiri começou a frequentar aulas de italiano, com maior ou menor comprometimento ao longo dos anos, até que, já famosa, na companhia do marido e dos filhos, se mudou para Roma, onde viveu de 2012 a 2014, para se dedicar exclusivamente ao aperfeiçoamento da língua. Desde então, porém, não só tem se dividido entre a Itália e os Estados Unidos, bem como empreendeu uma mudança radical nos rumos de sua carreira de escritora, com três obras escritas em italiano: em 2015, publicou *In altre parole*, em que narra a paixão pela língua italiana; em 2017, lançou *Il vestito dei libri*, em que tece reflexões sobre as capas dos livros e, em 2018, lançou o romance *Dove mi trovo*. Nesse período, também atuou como tradutora para o inglês dos romances *Lacci* e *Scherzetto*, ambos do amigo Domenico Starnone².

Evocando a célebre expressão de Salman Rushdie (1991), “homens traduzidos”, para definir os escritores da diáspora, é pertinente a questão: o que

1 Uma vez que *In altre parole* ainda não foi publicado no Brasil, todas as passagens do livro aqui citadas foram traduzidas por mim.

2 *Lacci*, de 2016, e *Scherzetto*, de 2017, foram lançados pela Einaudi, enquanto as traduções de Lahiri, *Ties e Trick*, são de 2017 e 2018, respectivamente, e foram publicadas pela Europa Editions.

teria movido a mulher traduzida Jhumpa Lahiri de sua vida estadunidense para uma casa romana? Em especial, o que teria movido Lahiri a abandonar sua fama de escritora do grande império global e da língua com o maior número de leitores, para mergulhar no italiano e, como ela mesma diz, se colocar à caça de palavras, intrusa e impostora? A proposta deste texto é exatamente explorar tal perplexidade e estabelecer conexões entre a escolha do italiano como sua nova língua de criação e a sua condição de mulher partícipe da diáspora contemporânea.

A psicanalista Christine Revuz defende que o encontro com uma outra língua “pode ser vivido como uma perda, como uma operação salutar de renovação e de relativização da língua materna, ou ainda como a descoberta embriagadora de um espaço de liberdade” (REVUZ, 1998, p. 224); já o pedagogo Renzo Titone (1976) evidencia uma força importante que nos move no processo de aprendizagem: o *projeto de si*, o desejo de construção de alguém que ainda não se é, mas que se passa a ser através de outro código linguístico. No caso de Lahiri, a necessidade de renovação e liberdade criativas, constituindo um novo perfil de escritora, parecem ser os motores da mudança, embora ela verbalize dúvidas em relação ao seu projeto. Referindo-se à nova língua, ela se pergunta: “Por que me satisfaço com a penúria? O que significa renunciar a um palácio para ir morar quase na rua, sob um abrigo tão frágil?” (LAHIRI, 2015, p. 70). Em alguns momentos, demonstra desânimo diante da impossibilidade que a constrange – “Impossibilidade” é o título de um dos capítulos:

Não é possível ver a paisagem por inteiro. Conto com certas estradas, certas maneiras de passar. Alguns percursos em que já confio, e de que provavelmente dependo demais. Reconheço certas palavras, certas construções, como se fossem árvores familiares ao longo de um passeio diário. Mas, no final das contas, escrevo dentro de uma trincheira. (LAHIRI, 2015, p. 75)

Em outros momentos, cheia de energia, legítima a limitação e o desconforto – “Se tudo fosse possível, qual seria o sentido, o belo da vida?” (LAHIRI, 2015, p. 76) – ou ainda se regozija, depois do esforço da escrita, como ao término de uma colheita farta: “no fim do dia, minha cesta está pesada, transbordante. Me sinto carregada, enriquecida, efervescente. Parecem mais preciosas que o dinheiro as minhas palavras” (LAHIRI, 2015, p. 43).

Palavras italianas, cabe notar, de uma mulher nascida inglesa, que cresceu estadunidense, de pai e mãe bengaleses. Aliás, vista sob o prisma do trânsito, o espanto diante do que a teria movido em direção ao italiano tende a diminuir, pois Lahiri sempre esteve em movimento. Não é um mero detalhe que tenha nascido na diáspora e que o deslocamento já tenha se iniciado na geração de seus pais. Em um dos relatos de *In altre parole*, revela que o italiano, ao entrar em sua vida, dá origem a um triângulo amoroso que vem mudar a dinâmica de um velho casal briguento, formado pelo inglês – língua em que se fez leitora e escritora, mas que não era aceita em sua casa – e pelo bengali, língua herdada, mas da qual se envergonhava diante das outras crianças e adolescentes. Essa relação com as

línguas – instalada no trânsito e devido ao trânsito – tem um peso considerável sobre a drástica guinada da Lahiri escritora.

Não é difícil percebermos a relevância das narrativas que encenam o trânsito global se considerarmos que as migrações transnacionais, e toda a circulação nelas envolvida – circulação de bens, valores, imagens, línguas –, são “uma chave conceitual importante para a compreensão de nosso mundo” (CURY, 2002, p. 7). Tais narrativas são capazes de nos dizer muito sobre os embates de classe, gênero, geração e etnia que marcam o “emaranhado de genealogias da dispersão e da imobilidade” (BRAH, 1996, p. 181 – tradução minha), na caracterização da diáspora contemporânea oferecida pela socióloga Avtar Brah, ela também mulher desenraizada. A própria escrita, segundo Sandra Almeida (2015, p. 51), “se configura como espaço privilegiado da experiência da diáspora”, experiência à qual muitas e muitos se associam, ou porque a vivem como lugar de enunciação, ou porque pais e avós a viveram, ou ainda através de laços cultivados em cidades cosmopolitas.

Maria Bernadette Porto, ao examinar as narrativas que pontuam as várias formas de habitar o exílio, ressalta um imaginário particular de que fazem parte “signos da falta, da nostalgia, da indiferenciação, da desorientação, do desaparecimento e da invisibilidade” (PORTO, 2012, p. 29). Em algumas dessas obras, o lugar de origem paira como fantasma que assombra, ou como inspiração que nutre, a vida de personagens e autores; já em outras, é a própria mobilidade que alimenta a poética, o ninho se faz nas palavras e o ponto de partida, totalmente estilhaçado, perde o significado. No caso específico de Lahiri, poderíamos observar que, ao deixar de lado as viagens ficcionais Estados Unidos/Índia e se lançar em um outro espaço, pouco realista, traçado pela língua italiana e no interior da própria língua, de certo modo, dá-se a passagem da primeira para a segunda vertente a que Porto se refere. A escritora declara: “Quem não pertence a nenhum lugar específico, na verdade, não pode retornar para lugar algum. Os conceitos de exílio e de retorno implicam um ponto de origem, uma pátria [...] Sou exilada até da definição de exílio” (LAHIRI, 2015, p. 100).

Em tal contexto de mobilidade, Jhumpa Lahiri, sem abraçar uma origem, elege o italiano para melhor cumprir seu destino de escritora apátrida. As dificuldades a encorajam, e os erros – como deveria acontecer em qualquer situação de aprendizagem – instigam sua imaginação e avivam seu entusiasmo diante da tela do computador. Trata-se de uma metamorfose – título de um dos capítulos – que implica um casulo desconfortável como etapa obrigatória e, talvez, perpétua; ou ainda de uma fuga da língua inglesa, língua madrasta pela qual se apaixonou e na qual se tornou escritora famosa, mas que é também representativa de “uma luta extenuante, um conflito doloroso”, de “uma cultura que tinha que escalar e interpretar” (LAHIRI, 2015, p. 122), e poderia levá-la a uma ruptura com os próprios pais. Se sua mãe conduziu toda sua vida nos Estados Unidos como indiana a título de resistência, a filha Lahiri não tem uma essência ou um centro a que se manter fiel, preferindo a mutação e o fluxo e assumindo a imperfeição da aprendiz, no caso, aprendiz de italiano, para sentir-se mais viva.

Para Vilém Flusser, outro apátrida, residente em São Paulo entre as décadas de 40 e 70, “pode-se mudar de pátria ou então simplesmente não tê-la, mas é sempre preciso morar, não importa onde” (FLUSSER, 2007, p. 232). Segundo ele, a casa, ao abrigar a rotina, o habitual e o repetitivo, permite que nos relacionemos com o invulgar: a cidade, o país, o universo, os tempos passados e aqueles que ainda estão por vir.

Estou metido em redundância, no habitual, para poder trazer para dentro o inabitual e poder fazer o inabitual. Estou metido em redundância para poder receber ruídos como informações e produzir informações. Minha habitação, essa rede de hábitos, serve para ser agarrada por aventureiros, e serve também como um trampolim para uma aventura. (FLUSSER, 2007, p. 233)

Calcula-se que as palavras de Flusser tenham sido redigidas em meados dos anos 70, após seu retorno à Europa, e devem ser lidas como palavras de alguém que se exilou durante a Segunda Guerra e perdeu a terra natal. Lahiri, por sua vez, sugere uma reflexão um pouco diferente a partir de sua condição de apátrida no início do século XXI. Diante da precariedade identitária e da falta de chão, transforma o italiano em abrigo – por vezes, desconfortável e frágil, de acordo com uma metáfora recorrente no livro –, ou em “espaço de adesão emotiva” (ALMEIDA, 2015, p. 43,70,199), que, a despeito de não ser exatamente um lar, remete à hospitalidade linguística, reputada por Ricouer (2011) como perspectiva e garantia de felicidade para a tradução. Ao recusar o repetitivo e o redundante, a autora traz para a mesa de trabalho o inabitual, disposta a se lançar num novo projeto de escrita e de si; ao fazer uso do italiano, permite-se abandonar a Calcutá da família, espaço privilegiado em suas obras anteriores, para se desincumbir da tarefa de restituir aos pais uma nação perdida e para se sentir livre.

Nesse intuito, embora o último capítulo de *In altre parole* mencione um diário recolhendo impressões de Roma, é emblemático que Lahiri não recorra às belezas e aos monumentos artísticos, ou às graças e ao charme da península. A tão aclamada *cultura italiana*, elemento do binômio supostamente indestrutível *língua x cultura*, não parece exercer um papel de relevo na construção de seu projeto de si. Suas emoções se concentram na relação com a língua, que, aliás, não é musical, sonora ou romântica – representações usuais da língua italiana –, mas é caracterizada apenas como bela nas primeiras páginas do volume. Enfim, Lahiri não carece de uma nova cultura ou de uma pátria – a Itália e todo o imaginário que a envolve –, nem dos sabores e cheiros itálicos, para construir uma identidade ou fixar uma nova residência. Ela só precisa de um língua para escrever e existir, o que ressoa nítido quando afirma que “sem um pátria e sem uma verdadeira língua materna, eu vago pelo mundo, também a partir da minha escrivaninha” (LAHIRI, 2015, p. 100), ou ainda que “[d]esde criança pertenço apenas às minhas palavras. Não tenho um país, uma cultura precisa. Se não escrevesse, se não trabalhasse com as palavras, não me sentiria presente na Terra” (LAHIRI, 2015, p. 72).

Contudo, essa novidade, ou ousadia, em que pesem a fama e a origem privilegiada de Lahiri, provoca reações. A língua não é sua, nem nunca será, como ela mesma conclui, referindo-se a um muro que a separa do italiano e se ergue intranponível em inúmeras situações cotidianas. Ela relata sua indignação quando, no comércio de Roma, a interpelam com um *May I help you?* ou quando, em Salerno, a atendente de uma loja insiste em elogiar o desempenho linguístico de seu marido, um falante descuidado, com pouquíssimo investimento na língua, mas homem branco e de aparência europeia. Segundo Lahiri, alguns italianos a reprovam, assim como os adultos reprovam uma criança travessa, e parecem lhe dizer: “Não toque na nossa língua. [...] Ela não pertence a você.” (LAHIRI, 2015, p. 105).

Foi assim que, por certo, também lhe soaram as palavras do radialista de *Fahrenheit*, da *Radio 3*, emissora ligada ao complexo RAI: como uma reprovação. Por ocasião de uma entrevista³ para divulgar o lançamento de *Dove mi trovo*, o jornalista, com toda a eloquência que se espera de um profissional de comunicação da península, apresentou Lahiri ao público comentando que a língua em que ela escreve não é propriamente italiano.

Esse movimento explícito de desautorização da escritora como usuária legítima da língua pode nos remeter a Pierre Bourdieu (2008), que, no início da década de 80, critica Saussure e Chomsky por não enxergarem que as trocas linguísticas não são território neutro e que a linguagem não é patrimônio comum. Bourdieu argumenta que a ideia de Saussure de que a língua é um “tesouro depositado pela prática da fala nos sujeitos pertencentes à mesma comunidade” (BOURDIEU, 2008, p.30) escamoteia toda a dimensão do poder, do mesmo modo que o falante ideal, inserido numa comunidade linguística homogênea, que sustentaria a teoria de Chomsky, é pura ficção. A divisão desse tesouro não é equânime e os limites das comunidades são tanto estrategicamente fluidos quanto ferreamente sólidos e insuperáveis, como este episódio envolvendo uma mulher escritora, de pele escura, vem demonstrar. Num típico jogo das identidades pós-modernas, Hall (2000) pontua, questões nacionais, globais, de gênero e de etnicidade entram na arena – no caso, um estúdio radiofônico – para brigar pela palavra.

No entanto, o conformismo identitário, a sacralização da língua materna e a presunção de não tradutibilidade, ou seja, as resistências que Paul Ricoeur (2011) identifica como inibidoras ou sabotadoras do trabalho de tradução revelam-se insignificantes diante do impulso de ser outra desta mulher traduzida, e é exatamente na forma como ela enfrenta tal desafio que, a meu ver, reside o interesse neste caso. Note-se que a escritora não migrou para a Itália, nem seus pais o fizeram; não escreve literatura em italiano porque é a língua em que cresceu e se relaciona com o mundo, como tantos migrantes da contemporaneidade; ao contrário, seu deslocamento se deu apenas em função da

3 Disponível em: <https://www.raiplayradio.it/audio/2018/08/FAHRENHEIT---Il-libro-del-giorno---Jhumpa-Lahiri-Dove-mi-trovo-Guanda-ba755a66-c3cb-4493-b643-2ac195013f93.html>

língua. Paralelamente, é curioso que, se nas suas primeiras produções, já não almejava um texto híbrido, transgredindo o inglês e enxertando-o com o bengali dos pais, hoje, ao escrever em italiano, continua a não propor deliberadamente uma poética do trânsito, marcada por rupturas formais ou atravessamentos sintáticos. Ao invés disso, ela muda-se para a Itália e dedica-se com o afincamento de uma aluna aplicada ao estudo, à leitura e à composição de suas narrativas.

Vale dizer que Lahiri, mulher traduzida, parece assumir a identificação de mulher estrangeira em todos os lugares e, nos últimos anos, não tem se esquivado de se traduzir novamente. Desta vez, elege o italiano como veículo de seus novos projetos criativos e como um outro terceiro espaço no mundo global, ou seja, um entre-lugar de negociação identitária que não é nem estadunidense, nem indiano, nem algo no meio do caminho, mas é outra coisa ainda. Nesta sua mais recente temporada literária, Lahiri opta por um terceiro espaço (BHABHA, 1998) em moldes peculiares, já que instalado através, ou dentro, de outra língua nacional, a qual, por sua vez, poderíamos imaginar, tende a ser contaminada por frases e parágrafos curtos, pouco habituais, e por um ritmo diferente. Assim, através do italiano, ou no italiano, a escritora, “sem um pátria e sem uma verdadeira língua materna” (LAHIRI, 2015, p. 100), a fim de seguir vagando pelo mundo, agrega mais uma etapa ao seu constante processo de traduzir-se, bem como contribui para alargar e diversificar a experiência da diáspora contemporânea com o trânsito de sua escrita.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. *Cartografias contemporâneas: espaço, corpo, escrita*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.
- BHABHA, Homi. *O local da cultural*. Tradução Myriam Ávila, Eliana Reis, Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG. 1998
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. Tradução Sergio Miceli et al. 2ª. Edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- BRAH, Avtar. *Cartographies of Diaspora: Contesting Identities*. London and New York: Routledge, 1996.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. *Navio de imigrantes, identidades negociadas*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2002.
- FLUSSER, Vilém. *Bodenlos. Uma autobiografia filosófica*. São Paulo: Annablume, 2007.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 4ª. Edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

LAHIRI, Jhumpa. *Dove mi trovo*. Milano: Ugo Guanda Editore, 2018.

_____. *Il vestito dei libri*. Milano: Ugo Guanda Editore, 2017.

_____. *In altre parole*. Milano: Ugo Guanda Editore, 2015.

PORTO, Maria Bernadette Velloso. Escritas do exílio: habitar e representar a distância. In: PORTO, Maria Bernadette; VIANNA NETO, Arnaldo Rosa (orgs.). *Habitar e representar a distância em textos literários canadenses e brasileiros*. Niterói: EdUFF, 2012, p. 15-34.

REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, Inês (org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998, p. 213-230.

RICOEUR, Paul. *Sobre a tradução*. Tradução Patrícia Lavelle. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

RUSHDIE, Salman. *Imaginary Homelands: Essays and Criticism 1981-91*. London: Granta, New York: Penguin, 1991.

TITONE, Renzo. *Psicodidattica*. Brescia: La Scuola, 1976.

Ana Maria Chiarini

AnaChiarini@gmail.com

Recebido em: 19 set. 2018

Aceito em: 22 nov. 2018

Publicado em: 29 dez. 2018